

Miséria e pobreza

Ainda que a passos muito lentos vêm recuando para cifras civilizadas os números alusivos à miséria no Brasil. Houve época em que a miséria no país era maior do que a pobreza, mas, agora, dá-se o inverso, a população pobre é maior que a população miserável – aquela que percebe em média, coisa de R\$ 120 por mês de renda.

Na última semana, uma entidade respeitada pela maneira como consolida e analisa as estatísticas sociais no país, a Fundação Getúlio Vargas, veio a público com um trabalho que pode sem susto servir de base para qualquer estudo ou cogitação que se preocupe, tão só com a seriedade dos elementos.

Diria a entidade que a proporção das pessoas que viviam abaixo da “linha da pobreza” caiu para 22,7% do conjunto da população, em 2005. Em que pese a melhora, o país ainda terá nada menos de 42,6 milhões de habitantes que podem ser definidos como miseráveis. Diz a Fundação que a miséria característica declinou 14,8% no atual governo, “resultado inferior ao verificado na primeira gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso, quando a queda chegou a 23,0%”. Numa avaliação ampla, ambos os governos obtiveram resultados equivalentes na matéria. Segundo o economista Marcelo Neri, dos quadros da Fundação e analista de ambos os cenários, “no mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, a miséria caiu 5,2% ao ano, contra um recuo de 5,1%, ao ano, no período do antecessor. O economista pondera, entretanto, que a prática de ambos os governos – onde combinaram programas de transferência de renda com elevação do salário mínimo – não constitui receita eficaz, duradoura. O salário mínimo,

por exemplo, longe do que supõe muita gente ilustrada, não alcança, não atinge ou beneficia o habitante da faixa da miséria. Já o declínio da inflação é capaz de alcançar os miseráveis do país.

Ninguém duvida de que em inúmeros casos haverá pobres infiltrados no rol das pessoas miseráveis, que vivem abaixo da linha da pobreza

Outra informação interessante diz que o retrocesso da miséria nas metrópoles é maior do que o observado no meio rural. A miséria citadina é de aproximadamente 16,2% da população total, mas a contabilizada no campo sobe para alguma coisa como 45,7%.

Vencido o atual mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, parece chegada a hora para uma revisão de critérios na

execução dos programas de transferência de renda, para que os resultados sejam mais efetivos. Assinalam os observadores que "a expansão dos programas de transferência de renda não deveria ocorrer por meio de um aumento do número de beneficiados, e sim por uma melhoria na qualidade dos cadastros, a fim de que as pessoas contempladas sejam, realmente, as mais pobres". Ninguém duvida de que em inúmeros casos haverá pobres infiltrados clandestinamente no rol das pessoas miseráveis, que vivem abaixo da linha da pobreza. E há número indeterminado de indivíduos que se acham na zona fronteira entre a miséria e a pobreza. Como identificá-los cabalmente sem que se faça nenhuma injustiça, eis espécie de desafio que se põe na mesa e na consciência das autoridades.

O aumento dos benefícios pagos hoje poderia ser uma receita para a melhoria dos resultados na estatística da transferência de renda. Mas a carga tributária não pode ser aumentada sob pena de os juros subirem ainda mais, entrando de vez toda política de expansão econômica.